

Pesquisas de primeiríssima linha

A bióloga Mayana Zatz, diretora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo (USP), foi agraciada com o Prêmio da Academia de Ciências do Terceiro Mundo, na categoria Ciências Médicas Básicas. O prêmio é oferecido todos os anos para cientistas que se destacaram nos países em desenvolvimento. Mayana, de 56 anos, desenvolve pesquisas genéticas voltadas para o combate da distrofia muscular, a degeneração progressiva da musculatura esquelética. “Esse prêmio é muito importante pois mostra que os países em desenvolvimento podem contribuir fazendo uma ciência de boa qualidade, apesar de todas as dificuldades”, afirma a pesquisadora. Mayana é uma defensora da criação de bancos públicos de células de cordão umbilical, que, espera, poderão ajudar a curar doenças. Também defende a liberdade de utilizarem-se células-tronco embrioná-



Mayana identificou genes ligados a doenças neuromusculares

rias (obtidas, por exemplo, de embriões descartados em clínicas de fertilização) para fins terapêuticos. Mayana e sua equipe localizaram seis genes ligados a doenças neuromusculares. Na década de 1970, ela montou na USP um serviço de aconselhamento genético para essas doenças, que já atendeu 20 mil pessoas. Na década de 1980, fundou a Associação Brasileira de Distrofia Muscular, cujo objetivo é lutar para melhorar a vida dos afetados pela moléstia. Esse é o terceiro prêmio que Mayana recebe em sua carreira. Em 1986, foi agraciada com o Prêmio de Apoio a Pesquisa da Associação de Distrofia

Muscular dos Estados Unidos. E, em 2001, recebeu em Paris o Prêmio L’Oreal – Unesco para Mulheres na Ciência. “É fundamental chamar a atenção para a importância de investir em ciência e tecnologia e de garantir não só as verbas necessárias mas a liberdade para pesquisar”, diz ela. Outro brasileiro também foi premiado pela academia, na categoria Matemática. Wellington Celso de Melo é pesquisador do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, do Rio de Janeiro. Os vencedores nas oito categorias vão receber US\$ 10 mil cada um. Os prêmios serão entregues no segundo semestre de 2004. •

pela Fundação. Com o novo procedimento, a FAPESP pretende restabelecer esse padrão. “O modelo de análise já é utilizado com sucesso em programas especiais, como os de Infra-estrutura”, diz o diretor científico, José Fernando Perez. •

■ A partilha do conhecimento

Dois importantes bancos de dados científicos terão seu alcance ampliado. Um deles é o Sistema Brasileiro de Informações em Recursos Genéticos (Sibrargen). Vinculado à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), este sistema armazena dados sobre recursos genéticos vegetais, animais e microorganismos mantidos pela Embrapa em Brasília. O Sibrargen vem sendo desenvolvido desde 1996 e uma parte dele já está disponível no site da Embrapa na Internet. A partir de 2004, vai aglutinar informações dos bancos de germoplasma das unidades descentralizadas da empresa. “Aos poucos, todo o acervo da Embrapa estará integrado”, afirma Eduardo Cajueiro, responsável pelo Sibrargen. Outro banco de dados que será compartilhado é o do Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (CenDoTec). Um acordo de cooperação, assinado com a Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia e a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, vai disponibilizar os 25 milhões de referências técnico-científicas do CenDoTec para empresas e pesquisadores mineiros. •

■ Comissão avaliará pedido de mestrado

A FAPESP vai alterar, a partir de 2004, a sistemática de avaliação dos pedidos de bolsas de mestrado. Já neste primeiro semestre, e em caráter experimental, todo o processo de análise será conduzido, no âmbito de cada coordenação de área, por uma comissão de

assessores *ad hoc*, constituída segundo o perfil da demanda. Esse novo modelo substitui procedimento adotado desde 2002 quando, pressionada pela demanda, a Fundação passou a submeter todos os pedidos de bolsa de mestrado com parecer favorável da assessoria *ad hoc* a uma análise comparativa, realizada pelas coordenações, duas vezes por

ano. Em razão do volume de solicitações, esse modelo exigia que as coordenações selecionassem propostas entre um grande número de pedidos, já avaliados pelos assessores e com graus distintos de minúcia e rigor, assumindo assim uma parcela de responsabilidade pelos resultados e contrariando o princípio da avaliação externa adotado



LAURABÊTRIZ

A multiplicação dos parques

Rende frutos uma iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia para criar parques de empresas tecnológicas Brasil afora. Nos últimos meses, dezenas de projetos começaram a sair do papel, como resultado de um edital de 2002 vinculado ao Fundo Verde-Amarelo. Há parques de empresas surgindo ao redor de universidades em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e

em Viçosa (MG), só para citar alguns exemplos. “Foi o primeiro investimento articulado em parques tecnológicos. Antes, os editais só estimulavam incubadoras de empresas”, diz Carlos Américo Pacheco, professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ex-secretário executivo do Ministério da Ciência e Tecnologia. Em São Paulo, Carlos

Pacheco está ajudando a articular a criação de parques nas cidades de Campinas, São José dos Campos, São Carlos e na própria capital paulista. Nesses municípios, existem pólos de empresas há mais de uma década, mas a nova proposta, encampada pelo governo paulista, é mais ambiciosa. O dinheiro para criação dos parques viria de fundos imobiliários e operações

urbanas. Grandes glebas abrigariam megaempreendimentos urbanísticos. A iniciativa privada ergueria edifícios residenciais e comerciais. E patrocinaria a construção do pólo de empresas na mesma área. “Em outros países, há vários parques com esse formato. O caráter moderno e não poluente das empresas tecnológicas valoriza a região”, diz Pacheco. •

■ Em defesa da Mata Atlântica

Projetos de pesquisa que protejam espécies ameaçadas da Mata Atlântica poderão disputar três editais num total de R\$ 1,2 milhão nos próximos três anos. O programa é uma iniciativa de duas entidades conservacionistas, a Fundação Biodiversitas e o Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste. “Vamos selecionar

os projetos bem estruturados do ponto de vista científico. Há idéias ótimas, que não vão adiante por falta de recursos”, diz a coordenadora do programa, Gláucia Drummond, da Fundação Biodiversitas. Os projetos devem estar vinculados às quase duas centenas de espécies ameaçadas de extinção. Engloba aves, como o tessorão-grande, do Espírito Santo, cobras, como a jararaca-ilhoa, de uma ilha no

litoral sul de São Paulo, e primatas, como o macaco-prego-de-peito-amarelo, da Bahia. Está preservada apenas 8% da extensão original da Mata Atlântica – mas ela ainda abriga 20 mil espécies de plantas e 2 mil de animais. E 40% desses seres vivos não existem em nenhum outro lugar do planeta. Os editais estarão disponíveis nos sites www.biodiversitas.org.br e www.cepan.org.br. •

■ A gênese da aguardente

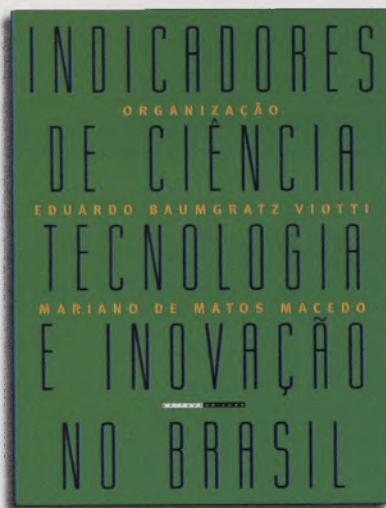
A Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq) acaba de publicar um livro que mostra, passo a passo, o processo de produção de cachaça – da extração do caldo e a fermentação à destilação e ao envelhecimento. A obra *Aguardente – fabricação em pequenas destilarias*, de autoria do professor Urgel de Al-

meida Lima, é acompanhada de um vídeo sobre a técnica de fabricação e custa R\$ 95. O livro pode ser adquirido diretamente na Fealq, ou pela Internet, no site www.fealq.org.br/loja/livraria.asp. Mais informações pelo telefone (19) 3417-6600. •

■ Radiografia de corpo inteiro

Um abrangente panorama sobre investimentos em pesquisa, produtividade acadêmica e desenvolvimento tecnológico no Brasil acaba de ser publicado pela Editora Unicamp. O livro *Indicadores de ciência, tecnologia e inovação no Brasil* é um cartapácio de 614 páginas, escrito por 23 autores. Tem o mérito de compilar coleções de estatísticas já conhecidas e também apresenta informações inéditas, como o capítulo que dimensiona os recursos humanos em ciência e tecnologia no país. Comprova-se, nesse capítulo, a percepção de que o país avançou na formação de graduados, mestres e doutores, mas as oportunidades de trabalho para a elite acadêmica cresceram em velocidade bem mais lenta que em outros países, gerando desperdício de talentos. “Com esse trabalho, pretendemos fazer um balanço do esforço para a constituição de um sistema de indicadores em ciência e tecnologia. Além de reunir as informações disponíveis, apresentamos propostas para aperfeiçoar o sistema”, disse ao *Jornal da Unicamp* o economista Eduardo Baumgratz Viotti, da Universidade de Brasília, que organizou o volume em parceria com o também economista Mariano de Matos Macedo, da Universidade Federal do Paraná.

O livro reúne estatísticas de ciência e tecnologia e propõe mudanças de rumo

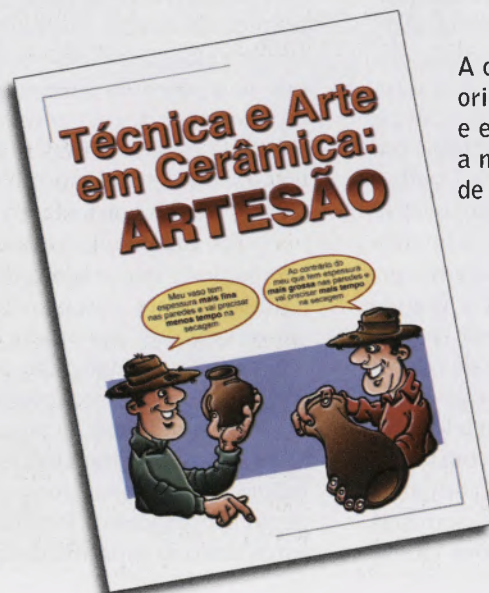


Há estatísticas auspiciosas e outras preocupantes a compor o panorama do livro. Se é certo que a produção científica cresceu (o número de artigos científicos aumentou 400% nas duas últimas décadas), o número de patentes brasileiras registradas nos Estados Unidos permanece tímido (98 registros no ano 2000, contra 3,3 mil da Coreia do Sul). O crescimento das exportações está sendo fundamental para equilibrar as contas do Brasil, mas a participação no comércio exterior de produtos que agregam conhecimentos tecnológicos ainda é pequena. A exceção são os aviões da Embraer. E é nessa seara que as oportunidades mais aumentam, deixando o país em

desvantagem. Enquanto a demanda por produtos agrícolas cresce 0,5% ao ano, a de produtos tecnológicos chega a avançar 20%. •

■ Para remover os gargalos

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) foi contratada para fazer uma avaliação da estrutura do Ministério da Ciência e Tecnologia e de suas 19 unidades. O objetivo é propor mudanças que aumentem a eficiência administrativa. O trabalho vai diagnosticar pontos críticos nos órgãos vinculados ao ministério e montar uma estratégia capaz de reforçar as atividades ligadas à inovação. “Para que o sistema seja mais eficaz, temos que



A cartilha orienta artesãos e estudantes a modelar peças de argila

acabar com a Síndrome de Lampedusa, aquela história de que ‘podem mexer em tudo, desde que não seja comigo’”, disse o ministro da Ciência e Tecnologia, Roberto Amaral, ao assinar em Brasília o contrato com a FGV. •

■ A cerâmica vai à escola

Uma iniciativa do Centro Multidisciplinar para o Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos (CMDMC) está distribuindo em escolas públicas uma cartilha inédita. Ela reúne informações sobre as técnicas de preparação e modelagem de peças cerâmicas, seus diversos tipos de matéria-prima, além de dicas para prevenir imperfeições na hora de levar a argila ao forno. Escrito em linguagem leiga e fartamente ilustrado, o manual *Técnica e arte em cerâmica: Artesão* busca despertar o interesse dos jovens e ajudar artesãos profissionais a se atualizar. Com tiragem inicial de 5 mil exemplares, a cartilha é obra de uma equipe de pesquisadores de peso. O CMDMC é um dos dez centros de Pesquisa, Inovação e Difusão criados pela FAPESP há três anos. É formado por pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos, da Universidade de São Paulo, da Universidade Estadual Paulista, do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares e do Centro Cerâmico Brasileiro. O manual está sendo encaminhado a professores de escolas públicas de 11 municípios paulistas, como um estímulo para propagar as técnicas nas salas de aula e laboratórios. Também estará disponível para artesãos de vários estados, com distribuição organizada pelo Centro Cerâmico Brasileiro. •